

O JORNAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

PROGRAMA FOLHA EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE JORNAL EM SALA DE AULA

Levar o jornal para a sala de aula tem sido uma iniciativa comum a vários países do mundo e

mais antiga do que podemos supor. Na Noruega, foram encontrados artigos de jornal do começo do século falando sobre "revolucionários métodos de ensino" com o uso do jornal. Na Espanha, em fins do século XIX, discutia-se a introdução do jornal na escola em lugar da obrigatoriedade da leitura de Cervantes. E, nos Estados Unidos, em 1932, o **New York Times** inicia seu pro-

"Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo."

Paulo Freire

grama de jornal na educação, sendo reconhecido como marco na história destas iniciativas, através da distribuição sistemática de suas edições nas escolas.

A AUTORA

Flávia Aidar

Coordenadora do Programa Folha Educação e Professora de História da Escola Vera Cruz de São Paulo.

Os dados de que dispomos hoje, revelam o quanto estes programas se desenvolveram por todo o mundo: nos EUA, aproximadamente 750 jornais têm seus próprios programas educacionais para as escolas de 1º e 2º graus. Na Suécia, 100% dos jornais dispõem de programas e cada escola assina, em média, cinco jornais. No Brasil, o jornal **Zero Hora**, do Rio Grande do Sul, foi o pioneiro neste caminho que hoje é povoado por um número cada vez maior de contribuições.

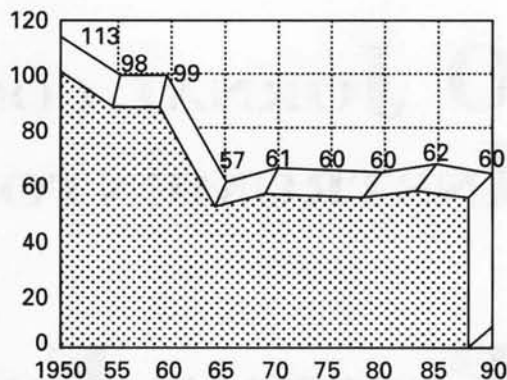
É neste rastro que surge, em 1993, o "Programa Folha Educação". Voltado para o atendimento de escolas públicas e particulares de 1º grau da cidade de São Paulo, com a colaboração de uma equipe de profissionais que se encontrava em adiantado estágio de reflexão sobre a prática do trabalho pedagógico com o uso de jornais, desenvolvemos um material de apoio para o professor: cadernos de 1ª à 4ª séries; de 5ª à 8ª e outro sobre organização de hemerotecas escolares, produzidos para a orientação dos professores e bibliotecários.

Antes de entrarmos no mérito das fundamentações teórico-metodológicas que embasam a pertinência do trabalho com jornais em salas de aula, gostaríamos de apresentar as argumentações que incentivam as empresas jornalísticas brasileiras a implementarem este tipo de programa. Alguns dados merecem ser observados:

**QUADRO COMPARATIVO -
1990 X 1950
EM RELAÇÃO AO CRESCIMENTO
DA POPULAÇÃO MAIOR
DE 18 ANOS**

	BRASIL	EUA
Nº DE DOMICÍLIOS	+4,18%	+25,46%
TIRAGEM TOTAL	-46,80%	-37,38%

**EXEMPLARES / DIA
POR MIL HABITANTES COM IDADE IGUAL
OU MAIOR QUE 18 ANOS**

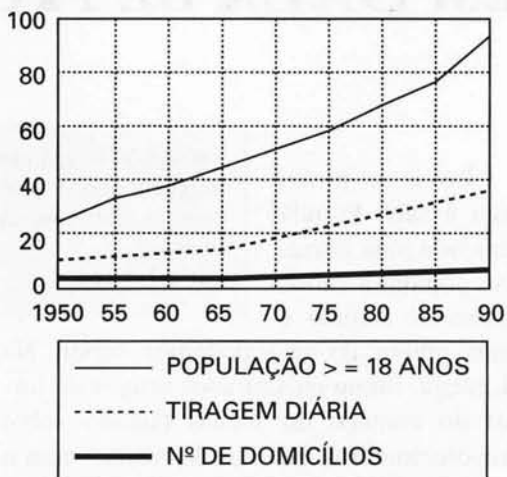


1950 X 1990 - REDUÇÃO DE 46,80%

Fonte: ANJ - Associação Nacional de Jornais

**TIRAGEM DIÁRIA DE JORNAIS
DIÁRIOS**

Nº DE DOMICÍLIOS E POPULAÇÃO
> = 18 ANOS - BRASIL



Fonte: ANJ - Associação Nacional de Jornais

Outra recente pesquisa, encomendada para a Salles/Interamericana de Publicidade

S/A, revelou um quadro interessante de ser observado e, de preferência, revertido:

CRIANÇAS	consideram	"JORNAL CHATO DE LER"
JOVENS	consideram	"DIFÍCIL DE LER"
ADULTOS	consideram	"NÃO TEREM TEMPO PARA LER"
LEITORES OCASIONAIS	consideram	"LÊEM SÓ QUANDO TEM NOVIDADES"

Neutralizar os preconceitos que cercam a leitura de jornais e reverter o quadro da queda do número de leitores são os fatores motivacionais que impelem as empresas jornalísticas para esta tarefa.

Como educadores podem se apropriar destes programas e produzirem, a partir da possibilidade que eles oferecem, a prática e a reflexão que só o trabalho sistemático com o uso de jornal vai proporcionar?

A força do jornal como recurso pedagógico está precisamente na linguagem jornalística.

Explorar este universo deve ser, portanto, a primeira tarefa a que o próprio professor deve se lançar. Entender como o jornal realiza seu objetivo maior, que é o da comunicação, é o primeiro desafio. E isto necessariamente implica desvendar e compreender a "arquitetura informacional" do jornal, ou seja, identificar o papel de cada recurso de que ele se utiliza para a comunicação: fotos, legendas, mapas, números, tabelas, manchetes, gráficos etc., como elementos complementares e facilitadores do processo de leitura.

Ler jornal pressupõe uma tarefa diária e, portanto, requer uma leitura ágil, dinâmi-

ca e seletiva. A sensação desconfortável de não termos lido o jornal de "cabo a rabo" deve ser abandonada. O que não significa dizer que a leitura deve ser superficial ou acrítica e nem tampouco que o jornal, no afã da busca de agilidade e leveza, torne a informação pasteurizada e diluída.

Considerando a escola como o espaço privilegiado da construção do conhecimento, entendemos que a informação deva ser a matéria-prima fundamental no trabalho escolar.

"O cerne das atividades na escola também se encontra na construção de significações, embora as funções e os modos de operação sejam bastante distintos daqueles que acontecem nos jornais. Na escola, há uma estabilidade muito grande nos significados construídos e veiculados, que se traduz em certa rigidez na articulação das informações, bem como na fixação de certos estereótipos conceituais ou de comportamento. As estruturas escolares modificam-se muito lentamente, enquanto que a realidade extra-escolar parece transformar-se cada vez mais rapidamente, o que facilmente conduz a uma impressão de distanciamento crescente entre a escola e a vida."¹

Enquanto professores, sabemos que o conhecimento é histórico, porém, contraditoriamente, os livros didáticos não conseguem acompanhar com a agilidade necessária as transformações que ocorrem no mundo. Neste sentido,

o jornal, em sua sintonia permanente com a realidade, favorece, com grande visibilidade, a historicidade da produção dos homens.

A natureza transdisciplinar da matéria jornalística constitui-se numa outra razão que favorece o trabalho com jornal na sala de aula. Nilson José Machado defende ainda que, “ao representar a realidade, o jornal o faz de uma maneira abrangente, sem recortá-la em segmentos com fronteiras bem nítidas, como o faz a escola através das disciplinas. A observação atenta da primeira página de um jornal revela com clareza como estão impregnadas mutuamente, por exemplo, a língua e a matemática. Tais sistemas de representação da realidade interagem tão harmoniosamente tendo em vista a comunicação e a expressão, que não parece possível distinguir um do outro com um mínimo de nitidez. Também no caso das Ciências, de História e Geografia, os textos jornalísticos compõem o significado que visam comunicar sem clamar por qualquer necessidade de fragmentação. Já na escola, os fatos articulam-se de forma significativamente diferente”. (idem)

Muito se pode falar do trabalho com jornal nas diferentes disciplinas escolares. Das suas inúmeras possibilidades às suas prováveis limitações.

Porém, com a implantação do “Programa Folha Educação”, estão postos nas mãos dos professores e alunos os recursos indispensáveis para a efetivação de um trabalho que possa resultar em contribuições importantes para o enriquecimento do fazer educacional neste nosso país.

As escolas inscritas no “Programa Folha Educação” recebem, três vezes por semana, 49 exemplares do jornal **Folha de S. Paulo**, ao longo de um semestre letivo. Professores e bibliotecários recebem material de apoio e instruções básicas referentes à concepção da proposta.

A experiência deste trabalho nos autoriza, hoje, a concluir que ao lado do livro didático, do livro literário, do livro científico, o jornal encontra, legitimado, o seu lugar no processo ensino-aprendizagem.

Maiores informações contatar:

Programa Folha Educação

Endereço:

Alameda Barão de Limeira, 425 10º andar

Cep: 01290-900

São Paulo - SP

Telefone: (011) 224.3988/ 224.3954

Fax: (011) 224.3548